

“Brasil”, um livro lido começando pelo fim

Paulo Guilherme Monteiro Lobato Ribeiro *

Há pessoas que, antes de começar a ler um livro, dão uma olhadinha sorridente nas últimas páginas. Se o fim lhes agrada, dedicam-se então aliviadas à tarefa de lê-lo.

Essa estratégia está parecendo adequada a quem agora for ler o livro “Brasil”.

Estamos no meio de uma confusão de sinais positivos e negativos, salada da qual cada comensal pega o que lhe apraz e onde os críticos culinários se divertem destacando ora os bons sinais, ora os maus.

Haverá ordenação provável para todos esses ingredientes?

Fatos muito positivos para a situação do Brasil estão-se delineando, e o principal deles é a conscientização que avança sobre a necessidade de acabarmos com a bagunça. A isso se somam a privatização iniciada, o entendimento maior que já se vê entre Executivo e Legislativo (mesmo que tímido, mesmo que baseado em interesses), a luta contra o déficit público, a manutenção da taxa cambial realista, a chance menor de choques antinaturais e “mágicos”, a denúncia sem



medo pela imprensa de atos de corrupção, o Judiciário exercendo seu dever de vigilante constitucional, o progresso no mínimo estimulante dos vizinhos, a queda internacional das taxas de juro e do preço do petróleo, a posição do FMI e muitas outras coisas mais.

Esses fatos positivos, no entanto, são todos de médio prazo, sendo muito mais fácil no curto prazo encontrar os negativos. E é isso que gera insegurança e pessimismo nos agentes econômicos, mentes estragadas por décadas de inflação, desconfiança no governo e consequente raciocínio de absoluto curto prazo que só está levando a atitudes defensivas.

Aí pode estar a ordem provável dos componentes da economia brasileira: muitos e graves problemas nos próximos meses, mas boas oportunidades logo depois, quem sabe ainda em 1992.

Ganha mais e permanentemente não aquele que só ousa, nem aquele que só se resguarda. Poupar e ousar (ou ousar e poupar) essa é a atitude correta.

Cabe olhar por cima do muro, ver o que vem depois e que já não está tão longe, enxergar a boa notícia que está “no fim do livro”.

E aí, lê melhor quem lê primeiro...

* Diretor-geral do Banco Real.